



Vol 18, Núm 1, jan-jun, 2025, pág. 557- 580

**SEXUALIDADE E GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENSINO SUPERIOR DE  
PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE DE CASO E ATRAVESSAMENTOS**

**SEXUALITY AND GENDER IN THE HIGHER EDUCATION PSYCHOLOGY  
CURRICULUM: A CASE ANALYSIS AND INTERSECTIONS**

**SEXUALIDAD Y GÉNERO EN EL CURRÍCULO DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR  
EN PSICOLOGÍA: ANÁLISIS DE CASOS Y CRUCES**

**Katrinny Cescon Elias<sup>1</sup>**

**Alexandre Luiz Polizel<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo busca analisar as contribuições e lacunas no processo formativo de estudantes de Psicologia com enfoque na disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual. A pesquisa foi conduzida com base em cartas narrativas escritas por alunos que cursaram a disciplina em uma instituição privada de ensino superior do norte do Espírito Santo, seguida pela análise do discurso inspirada em Foucault, que foi a utilizada para compreender as percepções desses alunos acerca da experiência com a disciplina. O estudo se insere no contexto de uma crescente incorporação de debates sobre gênero e sexualidade nos currículos de Psicologia, refletindo a necessidade de uma formação mais socialmente centrada e politicamente orientada. A partir das narrativas dos alunos, o trabalho investiga como o contato com essas temáticas impacta a formação acadêmica e pessoal dos estudantes, destacando a importância de incluir gênero e sexualidade nas ementas acadêmicas para ampliar a compreensão sobre a atuação profissional em interação com as diversas identidades e orientações sexuais, entendendo ao longo da pesquisa que o contato com disciplinas voltadas para a diversidade sexual e de gênero promove uma formação mais sensível, empática e politicamente engajada, necessária para a prática psicológica, mesmo ainda havendo desafios quanto à existência dessas disciplinas, evidenciando a necessidade de um fortalecimento curricular para garantir um tratamento mais crítico dessas questões na formação dos futuros psicólogos.

**Palavras chave:** Psicologia; Diversidade; Sexualidade; Gênero; Ensino Superior; Currículo.

<sup>1</sup> Professora no Centro Universitário do Vale do Cricaré (UniVC). Especialista em Práticas Educacionais, IFES Campus São Mateus. [katrinnycescon@gmail.com](mailto:katrinnycescon@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) campus São Mateus. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofias, Educações, Ciências, Culturas e Sexualidades (*Kultur*). Doutor em Ensino de Ciência e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, [alexandre.polizel@ifes.edu.br](mailto:alexandre.polizel@ifes.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-6397-306X>



**ABSTRACT:** This article aims to analyze the contributions and gaps in the educational process of Psychology students, focusing on the course "Psychology and Sexual Diversity." The research was conducted based on narrative letters written by students who attended the course at a private higher education institution in northern Espírito Santo, followed by discourse analysis inspired by Foucault, which was used to understand the students' perceptions of their experience with the course. The study is framed within the context of a growing inclusion of gender and sexuality debates in Psychology curricula, reflecting the need for a more socially centered and politically oriented education. Based on the students' narratives, the research investigates how engaging with these themes impacts their academic and personal development, emphasizing the importance of including gender and sexuality in academic curricula to enhance understanding of professional practice and interaction with diverse sexual identities and orientations. Throughout the research, it is understood that contact with courses focused on sexual and gender diversity fosters a more sensitive, empathetic, and politically engaged education, which is necessary for psychological practice. However, challenges regarding the existence of such courses remain, highlighting the need for curricular strengthening to ensure a more critical approach to these issues in the training of future psychologists.

**Keywords:** Psychology; Diversity; Sexuality; Gender; Higher Education; Curriculum.

**RESUMEN:** Este artículo busca analizar los aportes y vacíos en el proceso de formación de los estudiantes de Psicología con enfoque en la disciplina de Psicología y Diversidad Sexual. La investigación se realizó a partir de cartas narrativas escritas por estudiantes que estudiaron el tema en una institución privada de educación superior en el norte de Espírito Santo, seguido de un análisis del discurso inspirado en Foucault, que fue utilizado para comprender las percepciones de estos estudiantes sobre la experiencia con el disciplina. El estudio se enmarca en el contexto de una creciente incorporación de los debates sobre género y sexualidad en los currículos de Psicología, lo que refleja la necesidad de una formación más centrada socialmente y orientada políticamente. A partir de las narrativas de los estudiantes, el trabajo investiga cómo el contacto con estos temas impacta la formación académica y personal de los estudiantes, destacando la importancia de incluir género y sexualidad en los programas académicos para ampliar la comprensión del desempeño profesional en interacción con diferentes identidades y orientaciones sexuales. , comprendiendo a lo largo de la investigación que el contacto con disciplinas centradas en la diversidad sexual y de género promueve una formación más sensible, empática y políticamente comprometida, necesaria para la práctica psicológica, aunque aún existen desafíos respecto a la existencia de estas disciplinas, destacando la necesidad de una fortalecimiento curricular para asegurar un tratamiento más crítico de estos temas en la formación de los futuros psicólogos.

**Palabras clave:** Psicología; Diversidad; Sexualidad; Género; Educación superior; Plan de estudios.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A profissão da psicologia no Brasil surge em 1962, através da lei 4.118, sendo em termos temporais uma profissão ainda recente no país. Com a expansão dos cursos superiores em psicologia, em 2004, as Diretrizes Nacionais de Educação



descreveram a regulamentação da graduação em Psicologia, em substituição ao então utilizado Currículo Mínimo, com o objetivo de proporcionar uma possibilidade de formação profissional mais ampla, frente as transformações do mercado de trabalho. O ano de 2018 foi eleito o Ano da Formação para a Psicologia, com o objetivo de revisar as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação, movimento que foi organizado pela Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP), pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e pela Federação Nacional de Psicólogos (FENAPSI) (Ferreira, 2017). Repensar a formação em psicologia visava adequar a mesma ao entendimento e atendimento das demandas nacionais, expandindo a clínica para uma visão menos positivista das práticas psicológicas e mais posicionada de forma política e sócio-histórica, abrindo espaço para o enlace dos debates de que raça, etnia e gênero, visto que esses são marcações sociais que se inscrevem nas vidas dos sujeitos, produzindo diversas ordens de exclusão, adoecimento e desigualdades sociais.

Nesse movimento (ainda atual) surgem as primeiras disciplinas identificadas em currículos de psicologia que abarcam questões de sexualidade e gênero, seguindo a tendência de se ocupar de demandas mais localizadas e politicamente orientadas. A incorporação então destes temas no currículo do curso superior de psicologia, sua relevância e suas contribuições pedagógicas e formativas são os temas que serão explorados neste artigo. A busca por este recorte de respostas aqui se deu através de uma pesquisa qualitativa, baseada na elaboração de cartas narrativas de alunos que tiveram contato com a disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual no ano de 2023, procurando assim compreender a relevância do tema em ementas educacionais de ensino superior, assim como também avaliar as perspectivas destes alunos em relação ao seu aprendizado durante a disciplina, buscando responder sobre quais as contribuições e as lacunas formativas para os acadêmicos de curso de psicologia da disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual, a partir da perspectiva dos mesmos.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 REFERÊNCIAL TEÓRICO**

#### **2.1.1 Gênero, Sexualidade e Psicologia**



Até meados dos anos 90, a graduação em psicologia era fragmentada e tecnicista, não se ocupando ainda da relevância e peso dos fenômenos sociais sob os psíquicos. Porém, após o fim do regime militar, e o início do processo de redemocratização do país, as discussões sobre a atuação e formação do psicólogo ganham maior peso. A mudança de paradigma e de entendimento das reais necessidades do país levaram a uma mudança de paradigma da psicologia em relação ao contexto social, questionando principalmente também as práticas psicológicas mais ligadas ao modelo médico e higienista (Silva, 2020). A exigência de um perfil e atendimento multiprofissional que atendesse à complexidade das “novas” situações sociais tornaram latente a necessidade de uma formação generalista, mais socialmente centrada e política, que não se ocupava mais exclusivamente dos manuais de psicopatologia e do *klínikós*<sup>3</sup> tradicional, mas que ampliava a visão para os invisíveis, para aqueles que, apesar de não ocuparem o lugar do louco, eram encarcerados, marginalizados e excluídos por serem e estarem no mundo de um modo não conforme ao socialmente esperado, como por exemplo as diversas expressões de sexualidade e gênero.

A análise histórica da atuação da psicologia com o público LGBT deve se iniciar ainda antes, no ano de 1973, com a despatologização da homossexualidade, mesmo momento quando a terapia para pessoas LGBT, surgiu como clara "oposição ao contexto histórico de patologização e discriminação desta população no domínio da saúde mental", apresentando alta incidência e procura da categoria, o que ia de encontro às correntes de discriminação e violência decorrentes da marcada homofobia presente nos mais diversos contextos sociais (Moleiro & Pinto, 2009).

Ainda na década de 70, a American Psychological Association (APA) torna público um parecer que reiterava que a homossexualidade não se configurava como um desajustamento na pessoa homossexual, cabendo aos profissionais de saúde mental a responsabilidade ética, social e profissional relativa ao combate do estigma associado às pessoas não heterossexuais, que se disseminou socialmente também em virtude por parte de ações destes mesmos profissionais. O entendimento, a luta e

---

<sup>3</sup> O termo “clínico” provém do grego *klínikós* e tem como elemento de composição *klíno*, inclinar, ou *klíne*, leito. A imagem do médico inclinado sobre o paciente, examinando-o, é muito familiar para a maioria das pessoas. Por extensão, seria possível entender que “Clínica” designa a prática da medicina à beira do leito (BEDRIKOW; CAMPOS, 2011)



os objetivos terapêuticos para atuação da psicologia frente a pessoas LGBTs, agora se ocupariam não apenas do entendimento e estudo da orientação em si, mas principalmente dos problemas que possam decorrer das vivências relacionadas “com o preconceito, o estigma e a discriminação, ou outras queixas como conflitos familiares, relações amorosas, local de trabalho, depressão, ou procura de desenvolvimento pessoal” (Moleiro & Pinto, 2009, P. 161).

Entendendo esse público e demanda como urgente, latente e ética e politicamente orientado, a atuação precisou dar um passo para trás, se ocupando agora da graduação desse profissional, que necessitaria de uma formação mínima proposta pela academia para a compreensão destes sujeitos, atravessamentos e sofrimentos encontrados em comum na classe, orientando também os alunos a valorização e a garantia dessas existências como válidas e importantes dentro do organismo social.

### 2.1.2 Currículo e competências acadêmicas

As Instituições de Ensino Superior se responsabilizam e expressam as suas convicções políticas e filosóficas na forma como se caracterizam os nomes, ementas e programas das disciplinas de seus cursos, promovendo direcionamentos ou revelando tentativas de apagamento e/ou silenciamento através das ausências de conteúdos. A não citação da palavra “gênero” nos títulos de disciplinas (como encontrado no caso da IES onde ocorreu esta pesquisa) pode ser interpretada como um afastamento proposital das discussões referentes ao conceito, emparelhando os termos *psicologia* e *sexualidade*, seguindo tendências biologizantes, desenvolvimentais que acabam por desembocar em leituras normalizantes, se afastando da associação de *psicologia* e *gênero*, que implicaria de uma leitura e ocupação mais social dos temas estudados (Gomes; Sathler & Farias, 2022).

A opção de silenciamento e apagamento da temática da sexualidade e do gênero na academia (que transcenda o funcionamento heteronormativo) aparece na formação deficitária dos profissionais e na estruturação dos currículos acadêmicos, que ainda não tendem a privilegiar disciplinas da área, assim como quando o fazem, não incluem em seus currículos textos base relevantes para a crítica da situação,



mesmo possuindo a pauta da sexualidade espaço e lugar de estudo em mais de um “domínio” de saber, como na antropologia, na sociologia, na biologia, na medicina e na psicanálise e em diferentes outras linhas teóricas da psicologia.

Como exemplo, considerando tal complexidade, estudos sobre os currículos superiores de psicologia apontam que a oferta das ênfases propostas nas grades curriculares, em sua maioria, concentra-se na formação clínica para a atuação no campo da saúde clínica (Soligo, 2015), o que é corroborado na pesquisa de Silva (2020), que em seus estudos dos currículos de graduação em psicologia acerca da presença ou não de disciplinas de gênero e sexualidade, compreendeu que a não inclusão de bibliografias específicas das temáticas de sexualidade nas disciplinas obrigatórias dos cursos, não atende e nem trata dos atravessamentos da população LGBT, diante das (ainda) atuais demandas de despatologização da transexualidade, além da promoção de um atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) de qualidade e a atenção as políticas de saúde pública para transexuais no Brasil, o que interfere de forma direta no trabalho dos profissionais de psicologia que vão a campo futuramente.

Nota-se ainda na pesquisa de Silva (2020), que apenas disciplinas optativas específicas na temática de Sexualidade e Gênero apresentam, em sua ementa, textos base e complementares, com o foco nas discussões de gênero e no atendimento da população à margem, além de sua condição de violência física e simbólica, direitos sexuais e reprodutivos e políticas públicas que atendam ao tema em sua integralidade, vencendo a base heteronormativa majoritária nas demais bibliografias apresentadas.

Ainda que pautas sociais tenham emergido, de forma urgente, nas últimas décadas de modo a “obrigar” uma certa modificação, movimento e adequação das graduações de psicologia, é inegável que esta psicologia, como a conduzimos e reproduzimos nos cursos de graduação, “não tem sexo e gênero – é heteronormativa. É branca e daltônica – não enxerga as desigualdades provenientes do racismo, engole e vomita a ideologia da democracia racial” (Soligo, 2015). Questões que ainda demandam muitos avanços para esta ciência que ocupa não só o campo da saúde, como também o social, para a possibilidade de mais que apenas uma graduação profissional, mas sim uma formação pessoal dos sujeitos que se pretendem estar em lugar de cuidado diante de outros sujeitos.



### 3 CONSTRUINDO O MÉTODO

A presente investigação coloca-se a investigar elementos em sua singularidade, contingencialidade e especificidade, sem buscar esgotar o fenômeno e as discursividades investigadas. De tal óptica, a presente pesquisa tem por característica ser uma investigação de base qualitativa, ao passo que se busca ampliar e diversificar as produções de sentidos, enunciados e discursividades considerando um olhar localizado (Lakatos & Marconi, 1992). Compreende-se que os entendimentos e sentidos aqui produzidos podem desdobrar-se para outros fenômenos símiles, contudo nosso foco de produção analítica localiza-se em um território específico.

Ressalta-se, também, que a presente pesquisa aqui apresentada possui cunho exploratório, de modo tal que esta volta-se a explorar fenômenos e discursividades, sendo as analíticas aqui produzidas podendo ser subsídios para investigações futuras. Tal processo exploratório se dá a partir de um viés, um conjunto de ferramentas que levarão a especificidades de saberes elaborados a partir da exploração desenvolvida, sendo outras explorações possíveis (Gil, 2010; Lakatos & Marconi, 1992).

Como meios para o desenvolvimento desta investigação, ancoramo-nos na perspectiva das pesquisas narrativas e heteroautobiográficas (Polizel, 2022), de modo que buscamos como meio para produzir entendimentos dos fenômenos aqui investigados, voltarmos nosso olhar as narrativas dos sujeitos que vivenciaram e experienciaram-se implicados a este fenômeno – no caso a vivência na disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual.

A disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual é o território em que os sujeitos experienciaram e produziram encontros formativos. Esta disciplina, que na apresentação a qual nos ocuparemos de analisar, se configurou como sendo optativa (demandando uma votação dos alunos para a sua execução) dentro da ementa do curso de psicologia da IES estudada, sendo ofertada para o 8º período do curso, com uma carga horária de 90 horas, incluindo aulas teóricas e práticas.

Como instrumento para produção e socialização de narrativas, valemo-nos nesta investigação na produção de cartas pedagógicas. A escolha das cartas deu-se



ao passo que: i) as cartas consistem um meio de escrita das experiências que partem de uma percepção de si, enquanto narrativa que fala de si a partir de si mesmo, como sujeito singular que tem em mãos a sua palavra para o dizer sobre o vivido; ii) por compreender que a carta é sempre endereçada a alguém, assim seleciona-se o que será dito, para quem será dito e como será dito; iii) na compreensão de que as cartas sempre narram a experiência e a analisam a dizê-las; iv) na compreensão de que a carta é uma abertura a um diálogo com o outro; e v) por compreender que a escrita da carta produz um viés pedagógico, ao passo que se revisita o vivido na memória e aprende-se nesta revisitação, bem como compartilha a memória e ensina-se algo aos sujeitos que as receberão (Paulo, 2023; Camini, 2012).

Para orientações na construção das cartas, foi produzida e endereçada aos estudantes uma “Carta Pedagógica Convite”, para fomentar reflexões, memórias e o falar de si, disposta:

São Mateus, 10 de junho de 2024

*Olá queridas e querido,*

*Que bom poder viver um breve reencontro da nossa experiência na disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual, que como compartilhei com vocês por diversas vezes, me era e ainda é muito cara. Vivemos juntos na disciplina a experiência da sua primeira aplicação, primeira vez que ela foi optada por uma turma de psicologia (naquela instituição) e a grandiosidade que esse momento marca para a formação dos demais alunos que virão posteriormente, por isso o meu interesse em falar sobre essa experiência e, agora mais exatamente, de ouvir sobre a mesma, de quem a vivenciou, de outra perspectiva, do sentir do estar em contato.*

*A disciplina optativa de Psicologia e Diversidade Sexual existe na grade de opções para a escolha dos alunos, no curso de psicologia da instituição, desde 2022/01 e possui como ementa o estudo da história da sexualidade, práticas em saúde, sexualidade e direitos sexuais, as epidemias e os modelos de atuação dos profissionais de saúde, estudos atuais em saúde e sexualidade e o lugar da psicologia frente às orientações sexuais e identidades de gênero. Na nossa experiência ampliamos esses olhares e abarcamos também as pluralidades da diversidade, letramento “básico” nas manifestações da diversidade sexual e de gênero e os direitos adquiridos e negados da população LGBTQIAP+ durante o percurso democrático brasileiro.*

*Trabalhamos juntos no processo de históricificação desta população e de construção identitária, além da compreensão dos sujeitos em suas pluralidades de sentir, de amar e performar papéis sexuais e de gênero.*

*Assim essa carta, além de lembrar nosso tempo vivido juntos, junto a esta disciplina, também almeja ouvir de vocês, através de uma resposta, quais as percepções acerca da experiência vivida em conjunto comigo durante a Psicologia e Diversidade Sexual. Para tanto ficaria muito grata que compartilhassem comigo um pouco do que acham que a disciplina contribuiu para vocês enquanto formação de sujeito? E sobre a sua futura atuação profissional, no que acham que o contato com os temas abordados contribuiu para a formação profissional de vocês? Pensando na formação dos demais estudantes, não só na nossa, mas em qualquer outra IES que promova o ensino de psicologia, quais as contribuições formativas que vocês acreditam que a experiência com tal matéria poderia/pode promover? Além do mais, também gostaria de saber de vocês, como estão hoje, como tem se sentido nessa fase da trajetória formativa de vocês?*



*Como resposta gostaria de receber de retorno também através de uma carta de vocês, fiquem a vontade para transmitir, através desta, suas percepções pessoais e contar histórias que ilustrem as suas vivências, ler vocês através de suas experiências é meu objetivo aqui também, além de uma grande alegria.*

*Desde já agradeço por poder contar com sua resposta a minha carta e espero ansiosamente pela mesma.*

*Att,  
Nome dos pesquisadores*

Esta “Carta Pedagógica Convite” foi endereçada a sujeitos que atendessem ao seguinte perfil: i) tivessem cursado a disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual, ofertada no período de 2023/02 para o 08º período de psicologia; ii) tivessem concluído a disciplina; e iii) dispusessem em participar da pesquisa. Tais sujeitos foram convidados pessoalmente dentro do ambiente universitário, sendo no ato do convite encaminhado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) aos mesmos para ciência e assinatura. A “Carta Pedagógica Convite” foi enviada após a devolutiva dos TCLEs assinados, sendo dado o período de 10/06/2024 à 17/07/2024 para a entrega da carta-resposta.

Após recebida a carta-resposta, procedeu-se com a análise das narrativas e discursividades mobilizadas por esta por meio de análise de discurso de inspiração em Michel Foucault (1996; 1979); Passos (2019); Fisher (2001). Tal movimento analítico fez-se no ato e efeito de realizar a leitura das cartas-resposta à luz do olhar Foucaultiano, de modo que esta ferramenta permite-nos a liberdade da não apreensão das respostas pré-concebidas, mas sim a compreensão dos determinantes institucionais que compõe e falam através das palavras dos sujeitos, sendo tais palavras carregadas dos elementos de saber-poder-verdade que nos constituem-nos enquanto sujeitos (Foucault, 1979). O dito e o não dito não só falam de sujeitos individualizados, comunicam também as construções e controles discursivos, manejados aqui também pelos atravessamentos institucionais que os instauram enquanto sujeitos (individuais e coletivos). Tal indicativo é dado ao passo que

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de



tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (Foucault, 1996, p. 8-9)

No caminho das leituras e apreciações das cartas-resposta, atravessamentos institucionais e pessoais de diversos modos foram encontrados e produziram encontros, que perpassam acerca da formação profissional dos psicólogos em formação, da elaboração pessoal de cada sujeito em relação ao tema e da ação institucional nas percepções de ser, estar e existir no mundo, de modo pessoal e coletivo. Assim, para tentar uma certa organização do que ainda é tão intangível, fazendo-se tangível ao longo desta investigação propomos a divisão temática das cartas em blocos de apreciação e discussão, sendo: i) Percepções e não percepções, de si, do outro e do nós, em que são traçadas reflexões sobre como o contato com a disciplina ampliou (ou não) percepções pessoais e olhares ao outro, em relação a temática da sexualidade; ii) Afetos, perceptos e competências na atuação-formação, sendo apresentados elementos relacionados a percepção da formativa destes sujeitos em relação as discussões promovidas na disciplina em face de sua futura atuação profissional; iii) Temáticas, Institucionalização e espaços formativos, em que situam-se reflexões acerca da ação das forças institucionais no acesso ou não dos graduandos a essas informações formativas de sujeitos, refletindo acerca da posição da disciplina e das implicações do seu não contato com o público da psicologia, questionando a quem interessa também essa não presença da mesma na grade fixa na maioria dos cursos.

Os sujeitos deste trabalho foram tratados por meio de nomes fictícios atribuídos pelos autores, tendo como base os dados nacionais de nomes mais populares em vigência no território brasileiro, descartando os primeiros e mais rotineiros como Maria, João e José, optando pelos seguintes dentro da ordem de incidência.

#### **4 PERCEPÇÕES E NÃO PERCEPÇÕES, DE SI, DO OUTRO E DO NÓS**

O contato com qualquer compartilhamento de informação, com qualquer perspectiva de vivência de algo novo pode trazer efeitos de mudanças nas concepções e nos modos ser, estar e se relacionar no mundo, o que implica em mudanças no modo de ver a si e em como enxergamos o Outro e o Nós. Porém, é



importante pensar que, tão importante quanto o que muda é o que já estava concebido, dizemos com isto, o que é reiterado e rarefeito, bem como os meios e os dispositivos de operação pelos quais passaram estes caminhos (Foucault, 1979). Assim, o caminho percorrido dentro do método aplicado de cartas pedagógicas para o desenvolvimento de narrativas permitiu, também, saber destes sujeitos acerca de suas afetações pessoais durante o percurso de vivência com a disciplina (Paulo, 2023).

Destaca-se das narrativas elementos de discurso que versam sobre como o contato com a disciplina foi contributivo de modo formativo-profissional e formativo-pessoal para o desenvolvimento dos sujeitos pesquisados, como alegou uma das alunas: *“A experiência vivida durante a disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual foi profundamente marcante para mim.”* (Antonia). Seguido pelo relato de outro aluno, dentro do mesmo tema, ao pontuar que

A matéria se apresenta como um verdadeiro divisor de águas no que diz respeito aos atravessamentos que perpassam os corpos dos indivíduos que chegarão aos nossos consultórios no futuro. Não só isso, mas a mim mesmo quanto profissional e pessoa, me percebo mais receptivo e aberto ao que os estudos no campo da diversidade podem proporcionar. (Carlos)

Sob tal aspecto, evidencia-se que a disciplina é situada em tais narrativas considerando ao menos três marcadores sobre a disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual afetar-lhes: i) a um ponto de gerar marcas; ii) na produção de cisões no processo de elaboração de percepções; e iii) na elaboração de percepções alteras, sendo dialeticamente mobilizada pelo perceber o que não se percebe.

Diz-se, com isso, em consonância a Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), que as percepções dizem sobre modos de afetar e ser afetado, do regime dos afetos, e como os sujeitos são marcados por tais afetos e os organizam. As marcas dizem de processos que refletem a ser afetados a ponto de desenvolver modos outros de organizar os afetos, diz-se com isso que ao sujeito ser marcado ele se reelabora enquanto sujeito e faz-se sensível e sentir a tais afetações (produzidas pela e na disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual).

Tais afetações e processos organizativos e desorganizativos, dá olhar aos afetos, envolve a produções de processos de cisão e articulação (Foucault, 1979). Os



processos de cisão e articulação consistem nos acontecimentos, dos quais os sujeitos reelaboram os sentidos a medida que organizam seus afetos em percepções. Vemos que as cisões e articulações reorganizam as percepções dos sujeitos por um olhar altero, visto que: i) a cisão produz uma abertura em relação ao Outro, a escuta e ao reconhecimento deste (Butler, 2015); ii) compreendem que a disciplina leva a um perceber que há uma percepção do Outro que nos escapa, sendo tal entendimento fundamental para o trabalho clínico (Calligaris, 2007).

Ainda neste sentido, evidencia-se, também, que o contato com perspectivas, que dentro da aplicação do estudo, podem ter se mostrado em maior profundidade, deu espaço a compreensões mais complexas e completas de vivências que, na contemporaneidade, já possuem um lugar de significado também institucionalizado:

[...] consegui expandir minha percepção a respeito das várias maneiras de representação, como expressão de gênero, identidade de gênero, orientação sexual ou afetiva por exemplo. Tal ação não apenas enriqueceu minha própria compreensão, como também estimulou um incremento em minha habilidade de solidarizar com as distintas identidades que constituem nossa sociedade (Antonia).

Assim também Assunção e Silva (2018) observam que é notável a relação que as informações sobre os diferentes temas associados à comunidade LGBTQIAPN+, de cunho político e social, são questões que atravessam os muros da formação acadêmica, demandando também do sujeito interessado e engajado a ampliação para um maior conhecimento, compreensão e proximidade com a temática LGBTQIAPN+. Tal aspecto demonstra que temáticas que envolvem um processo de abertura à percepção das diferenciações desenvolvem nos sujeitos modalizações no desenvolvimento de percepções de aspecto ético, estético, político e epistêmico, sendo as questões sobre diversidades sexuais elaboradas nas disciplinas um modo de recolocar a percepção e os valores que guiam na escuta de sujeitos atravessados por tais fatores identitários (Polizel, 2022).

Tal ampliação também pode se ocupar da produção de subjetividade e da empatia, enquanto representação ética da percepção do Outro em uma escuta altera



(Butler, 2015; Calligaris, 2007), acerca dos sujeitos e suas vivências, como vemos na fala de Marcia ao pontuar que

Para mim estudar através da disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual um assunto de tão grande relevância e importância foi algo inesquecível. Tomar conhecimento através da disciplina, dos desafios que envolvem a classe LGBTQIAN+, saber dos diversos contextos sociais, políticos e culturais que eles enfrentam, foi muito esclarecedor para mim (*Marcia*).

A fala da entrevistada Marcia também chama atenção a pauta dos desafios sociais enfrentados pela população LGBTQIAPN+, logo também são desafios psíquicos-subjetivos (Polizel, 2022), tratados, também, dentro da trajetória formativa experienciada na disciplina acadêmica. Tais aspectos resvalam e são pautados na análise dos direitos adquiridos e negados, assim como da violência (clara e/ou velada; física, psicológica e/ou simbólica) aplicada à aqueles que não seguem, seja qual configuração for, a normativa sexual institucionalizada<sup>4</sup>. De tal olhar, temos na contemporaneidade deslocado o olhar no que toca a apresentação e representação dos preconceitos na sociedade, tomando agora uma sutileza proposital, agindo de forma a ser mais velado; “um elemento intrínseco ao preconceito sexual é a prática do silêncio e da dissimulação” (Prado & Machado, 2017). Tal aspecto leva a pretensão de, quando cinicamente<sup>5</sup> silenciado(s), vencer as narrativas tirando-lhes delas força, silenciando e esvaziando suas pautas.

Desta óptica, as falas silenciadas, assim como as pautas desnaturalizantes das quais também se ocupam os estudos da sexualidade, aparecem com destaque na fala do entrevistado Carlos, que relata:

Quanto pessoa LGBTQIAPN+, sempre tive interesse em saber mais sobre o que vem sendo produzido de ciência dentro dessa temática, mas na maioria das vezes nos resumimos a uma ou duas letras dessa sigla que a cada dia ganha mais indivíduos. Esse processo de aprendizado durante as aulas me

---

<sup>4</sup> Compreende-se a normatividade, com Michel Foucault (1979), enquanto regimes discursivos e não discursivos, instaurados por dispositivos e produzidos por modos de subjetivação, que versam em produzir uma referência de “norma” em relação a elaboração dos “desvios”, naturalizando e produzindo a ideia de “natural”, discursiva-subjetivamente de aspectos que não o são.

<sup>5</sup> Situa-se o ato cínico, neste sentido, ancorados a Vladimir Safatle (2008), de modo que o cinismo dos violentos refletiram a falência da crítica e a tentativa de erodir novas gramáticas e bases referenciais de vínculo dos processos de legitimação dos saberes e existências.



permitiu conhecer melhor sobre a questão da performance de gênero, como isso afeta o exercício da sexualidade, a necessidade de se estabelecer papéis que foi imposta pela sociedade. (Carlos).

Carlos também relata acerca da delimitação de papéis sociais pautados na regulação da sexualidade, e seus exercícios de sexo e papéis de gênero em sociedade, como tendo sido um aprendizado pessoalmente relevante, tendo em vista que no decorrer da história os discursos acerca da sexualidade, dita aqui, enquanto dispositivos<sup>6</sup> históricos de saber e poder, atenderam, sobretudo, à uma classificação e disciplinarização dos corpos e de suas vivências (Lima, 2017, p. 17).

Sendo assim, enquanto exercício performático de papéis de gênero, é oportuno pensar o mesmo como um dispositivo cultural, também produzido, que permite o surgimento de sentidos para as diferenças entre os corpos e seus comportamentos. Ou seja, a partir deste já construído, já desenhado, o corpo performará, dentro do que lhe é permitido, refletindo não somente o que somos enquanto sujeitos, mas sim uma sequência de ações e atitudes, tudo o que lhes atravessa, como suas dimensões sociais, históricas e culturais (Lopes, 2023). A fala de Carlos nos remete, as performances e sexualidades, ao passo de que o “percebido” e “não percebido” também são produções dadas pelos dispositivos, de modo que este orienta nossas percepções à medida que nos subjetiva em sua operação.

## 5 AFETOS, PERCEPTOS E COMPETÊNCIAS NA ATUAÇÃO-FORMAÇÃO

Outro aspecto observado dentre os relatos recebidos dos alunos através das cartas-resposta foram as suas afetações, seja no campo do exercício das suas competências, seja nas suas perspectivas acerca do paradigma atuação-formação, em relação ao tema, como relatou em sua carta a aluna Antonia: *“A contribuição dessa disciplina para a minha formação enquanto sujeito foi significativa. Ao explorar acerca*

---

<sup>6</sup> Michel Foucault (1979, p.244) compreende enquanto dispositivo “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.”



da diversidade da sexualidade e identidade de gênero e ao dialogar sobre os direitos conquistados e violados da comunidade LGBTQIA+ [...]”.

Outro relato da mesma aluna versa acerca das competências profissionais observadas pela mesma, que foram adquiridas após o contato com a disciplina:

“Tenho uma perspectiva mais sensível sobre a comunidade LGBTQIAP+, através de discussões e pesquisas desempenhadas em sala de aula. Isso me tornou mais capaz de entender que devemos ser espaços acolhedores e seguros para todos.” (Antonia). Outro aluno também relata sobre em sua carta: “Promover estudos sobre gênero e sexualidade abre novos caminhos para o profissional da psicologia entender melhor o que atravessa seu paciente. Isso impacta diretamente no processo terapêutico” (Carlos).

Cabe considerar que os marcadores de sexualidade e gênero são aspectos constitutivos da subjetividade dos sujeitos, ressaltando então a sua grande importância dentro da prática psicológica, seja para sua correta aplicação dentro do objetivo de cuidado e bem-estar, seja para que esteja em consonância com seus documentos orientadores, a exemplo do Código de Ética Profissional, ressaltando a importância na formação profissional da compreensão de que o gênero e a sexualidade são partes integrantes dos sujeitos e de suas subjetividades (Louro, 2005). Esse fragmento de carta também pode nos suscitar outra reflexão, quanto à produção de empatia em relação a essa talvez *outridade* LGBTQIAPN+, dentro dos aspectos relacionados à diversidade sexual e de gênero, onde esse entendimento pode, nem sempre, *me* incluir como parte do processo, como diverso e não “normal”, cabendo ao outro esse lugar que sustenta a manutenção da heteronormatividade: “Nesse lugar, é necessário perguntar constantemente quem tem o estatuto de humano garantido e quem é a *Outridade*, a partir da qual esse humano é sustentado” (Kilomba, 2019).

Ainda acerca da formação, aqui agora relacionado ao entendimento teórico e prático sobre de temática, mais um relato das cartas-resposta versa acerca da experiência de uma aluna:

“Em minha atuação acadêmica, já havia tido contato com uma pesquisa em que tivemos a oportunidade de nos debruçar sobre a temática e entrevistar um sujeito da comunidade, mas não tínhamos a disciplina na época e isso fez com



que tivéssemos dificuldade de compreender a abrangência do tema e acredito, que a partir de agora, compreendendo a fundo sobre a história da sexualidade, a diversidade e pluralidade dos sujeitos e ao mesmo tempo as suas singularidades [...]” (*Antonia*).

Para Ceciliano (2015), é imprescindível que profissionais da área da saúde conheçam e tenham ciência das problemáticas específicas que atravessam a população LGBTQIAPN+, para que assim estejam aptos para uma atuação profissional que abarque suas diversas possibilidades. Sem o conhecimento necessário adquirido e a atenção direcionada às especificidades desta população, o profissional pode abrir margem para dificuldades e enfrentamentos durante o seu trabalho, o que pode prejudicar a aplicação de uma atenção humanizada e de qualidade, em virtude da inabilidade e não compreensão das singularidades no trato de forma ética e profissional.

Ainda que haja a preocupação com a formação de qualidade, existe o desafio da garantia à informação acerca do tema, dentro do processo de graduação em psicologia. Cabe entender que, por mais que as vivências diversas de sexualidade e gênero estejam mais popularizadas mediante a cultura atual, nada garante a compressão do aluno do que sobre isso atravessa a sua futura profissão, como os relatou em sua carta a aluna Marcia:

“Sinceramente este assunto era algo que eu nunca tinha parado para estudar ou obter informações sobre, mas, após a disciplina, sempre que vejo algum artigo ou ouço falar algo, paro para prestar atenção e me inteirar dos acontecimentos, que infelizmente sempre estão relacionados a discriminação ou preconceito” (*Marcia*).

Dias (2001, p. 48), em sua pesquisa, constatou que a maioria dos alunos conclui sua formação profissional com tantas informações acerca de sexualidade e gênero, quanto quando a iniciou. Segundo o autor, isso se dá em função de um erro no nível didático. Nesse nível, o autor entende que

Uma mudança nas atuais práticas de estruturação das grades curriculares nos cursos de formação de psicólogos não passa simplesmente pela tomada de consciência da realidade. Passa principalmente pela mudança dos paradigmas que têm servido de orientação para aqueles que estão envolvidos nesse



processo. De outra maneira, podemos garantir que toda reflexão didática continuará a ser processada segundo uma perspectiva ultrapassada (DIAS, 2001, p. 48).

Assim, a reflexão acerca dos desafios formativos dentro da graduação de psicologia se faz presente, pensar em como “graduar sujeitos em compreender outros sujeitos” é um desafio considerável, por isso a problemática é tão relevante. Encontrar as lacunas presentes dentro do processo formativo nos permite não sair de pressupostos como poucos esforços educacionais/institucionais ou desinteresse dos acadêmicos, o que nos permite um olhar mais amplo, que encontre, talvez espaços ainda não explorados.

## 6 TEMÁTICAS, INSTITUCIONALIZAÇÃO E ESPAÇOS FORMATIVOS

Ainda direcionando o nosso olhar para os relatos acerca da graduação, transmitidos através das cartas-resposta, outros aspectos também nos ocupam, como a ação das forças institucionais e os espaços formativos no ensino-superior de psicologia, como bem retrata o trecho a seguir da carta do aluno Carlos:

“[...] Aprender um pouco mais dessa dinâmica de sociedade que rotula e causa sofrimento nesses corpos incompreendidos, assim como entender e criar caminhos que quebrem os ciclos de preconceito que essa dinâmica ocasiona na vida das pessoas LGBTQIAPN+. Isso nos ajuda a propagar uma nova forma de se pensar a psicologia quanto ciência e quanto prática terapêutica no auxílio dos processos de cura, causados por adoecimentos que tem sua origem em toda essa carga de incompreensão e preconceito gerados, na maioria das vezes, por falta de conhecimento.” (*Carlos*)

O recorte da fala do aluno nos trás dois elementos discursivos que nos chamam a atenção: i) a dinâmica social que produz o sofrimento ao sujeito fora da norma (Safatle, 2018), e ii) a dita incompreensão social das vivências diversas que geram o preconceito, marginalização e a normatização de violências (Polizel, 2022). Diante disso, é importante lembrar a literatura que nos traz que toda essa “falta de conhecimento” também foi construída e atende a interesses, sendo que tal ausência é também produzida pelos regimes de saber, poder, verdade e estética (Safatle, 2008;



Foucault, 1979). A própria criação do termo “homossexual” e toda a ideia que tenta desenhar essa existência são invenções recentes, mais especificamente do século XIX (Foucault, 1977). Diante disso podemos entender que só é possível pensar em práticas homofóbicas, tais como as concebemos atualmente, a partir da criação de um discurso da sexualidade humana normativa (heterossexualidade) e seu correlato “anormal” (homossexualidade), movimentos através da formulação de enunciados que visavam manter um contrato social heterocêntrico ao estabelecer um saber a despeito de “práticas sexuais normais” e, conseqüentemente, suas variações, seus desvios e toda uma gama de patologias, erros, crimes e marginalizações (Santos, 2013).

Estes elementos, carregam pontos discursivos na fala de Carlos que leva à percepção de dois analisadores a partir da vivência formativa na disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual: i) a percepção de que há um sistema normativo que invoca usos sociais das ciências para fundar e construir o Outro, o ‘desvio’, o ‘anormal’, a partir das discursividades mobilizadas pelas ciências modernas (Foucault, 1977); ii) ao mesmo passo que este Outro é visto enquanto um sujeito passível de ser normatizado por uma intervenção terapêutica, sendo o sofrimento produzido pelas produções discursivas das ciências modernas e psicológicas, validando a própria possível atuação do campo para fins produtivos (de sofrimento e/ou de terapêuticas).

Esta produção do Outro enquanto referência do desvio em relação de uma suposta norma, produz por efeito as operacionalizações de preconceitos, falta de acesso a direitos, opressão destas existências e suas conseqüências emocionais, físicas e psicossociais, que foram discutidos ao longo da disciplina. Discussões estas que se mostraram retratadas nas cartas, através de reflexões, como da aluna Marcia:

“É lamentável saber que ainda existem lugares e situações em que pessoas enfrentam dificuldades ou são impedidas de acessarem ambientes devido a preconceitos ou por outras razões diversas. Para que a diversidade sexual seja plenamente aceita, sem preconceitos e sem discriminação, é fundamental que construamos uma sociedade justa, que promova a inclusão através de ações determinadas. Todos devem sentir-se pertencentes e respeitados.” (Marcia)



A preocupação com as manifestações homofóbicas<sup>7</sup>, seu combate e sua presença no discurso de sofrimento dos sujeitos sempre fizeram parte das discussões da disciplina, destacando também acerca do lugar que os homossexuais ocupam nas hierarquias sociais e sexuais, como os que estão “fora da curva da normalidade”, “o doente” e que “precisa ser tratado para ser curado”, subalternos e inferiores que as sexualidades hétero, considerando, aqui as demais expressões secundárias, dignas de segregação e violência. Vê-se, neste sentido que

A homofobia é um fenômeno complexo e variado. Podemos entrevê-la em piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado; no entanto, ela pode revestir-se também de formas mais brutais, chegando inclusive à exterminação, como foi o caso na Alemanha nazista. Como toda forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela a interpreta e tira conclusões materiais. Assim, se o homossexual é culpado do pecado, sua condenação moral aparece como necessária, e a purificação pelo fogo inquisitorial é uma consequência lógica [...]. Considerado um doente, ele é objeto do olhar clínico e deve se submeter a terapias que a ciência lhe recomenda, em especial os eletrochoques utilizados no Ocidente até os anos 1960. Se as formas mais sutis de homofobia denotam uma tolerância em relação a lésbicas e gays, isso só é feito atribuindo-se a esses sujeitos um lugar marginal e silencioso, o de uma sexualidade considerada incompleta ou secundária. (Borrillo, 2009, p. 196)

Em face as discussões acerca da diversidade sexual e de gênero, seus entrelaces sociais e de saúde que atravessam a vida dos sujeitos, suas relações de poder e controle engendradas no funcionamento da sexualidade e a expansão da compreensão de como se constrói o “diferente” em sociedade, a narrativa a seguir, presente na carta de um dos sujeitos desta investigação, trás à luz a importância da discussão de todos esses temas em sua complexidade e ao mesmo tempo essenciais<sup>8</sup>, em todas as esferas sociais da vida dos sujeitos: *“Penso que essa matéria*

---

<sup>7</sup> Compreende-se ações homofóbicas enquanto violências físicas, psicológicas e simbólicas, individuais, institucionais e estruturais, operadas a partir de marcadores de identidade sexual (gênero, orientação sexual e identidade de gênero) (POLIZEL, 2022).

<sup>8</sup> Utiliza-se a noção de essencial nesta investigação, compreendendo elementos: imanentes, contingentes, específicos, singulares, urgentes e necessários.



*deveria fazer parte de todos os cursos até mesmo para expandir a capacidade de se enxergar as subjetividades do outro, inclusive no ambiente escolar, social e corporativo.” (Carlos)*

Partindo do pressuposto de que “qualquer decisão epistemológica é também uma decisão política” (Lima, 2017, p. 18), é notório que o baixo investimento (quando há) dos saberes acerca da sexualidade, gênero e diversidade nos currículos do ensino superior, aqui não apenas contemplando o curso de psicologia, fala do fato de que a formação superior atual, silenciosamente, perpetua exclusões e dificulta o exercício de um olhar crítico em relação aos nossos próprios olhares sobre nós e sobre os outros.

Silenciar essas pautas é não reconhecer os impactos sócio-políticos causados por escolhas teórico-práticas excludentes, tirando da universidade seu lugar de “espaço de construção e transmissão de conhecimento”, anulando seu importante papel na “promoção e consolidação de avanços civilizatórios” (Lima, 2017, p. 19).

Percebe-se, também que a fala de Carlos, elaborada a partir das experiencialidades vividas na disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual, remetem a outros três elementos: i) o pensar que as temáticas sobre diversidade sexual devem “fazer parte de todos os cursos”, diz sobre a percepção de que os elementos constitutivos das identidades sexuais em suas diversidades atravessam as múltiplas organizações e estruturações sociais, científicas, técnicas e estéticas (Foucault, 1977); ii) a indicação que a disciplina propicia o “expandir a[s] capacidade[s]”, demonstra que os instrumentos conceituais elaborados na disciplina instrumentalizam o olhar do sujeito para a ampliação de leituras de mundo e de interpretação de fenômenos em suas complexidades (Foucault, 1979; Deleuze & Guatarri, 2010); e iii) a reflexão sobre o processo de “expandir a capacidade de enxergar a subjetividade do outro” demonstra que a disciplina propicia o desenvolvimento de produções de subjetividades mais alteras, compreendendo o outro na constituição de seus atravessadores identitários e produção de modo de existência.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a pesquisa buscamos saber como esses estudantes se relacionaram com o contato com a disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual e se houve



contribuições formativas, como futuros profissionais, assim também como sujeitos, tais respostas foram alcançadas e os objetivos da pesquisa alcançados, uma vez que os alunos que participaram da pesquisa relataram ampliação (ou aquisição) de seus entendimentos acerca da diversidade sexual e de gênero, assim como da amplitude dos termos e temas, destacando um entendimento mais amplo, “para além da sigla”, assim como uma elaboração dos determinantes e condicionantes sociais relacionados à violência sofrida por estes sujeitos e sua relação direta com a sua saúde mental.

Em relação aos ganhos como futuros profissionais, relatos de alunos acerca das contribuições da disciplina para a sua formação profissional, entendem que houveram contribuições para sua futura atuação, assim como, em um dos casos, um contato inicial com o tema e informações sobre diversidade sexual e de gênero. Essa contribuição para a formação profissional também foi observada e analisada por parte dos alunos dentro do funcionamento institucional, trazendo à luz entendimentos de que o contato com os textos e temáticas da disciplina deveria ser minimamente significativo para todos os cursos de formação superior, uma vez que atravessam todos os aspectos da vida dos sujeitos.

Dessa forma, foram encontrados relatos dos ganhos acadêmicos em graduandos de psicologia com a disciplina de Psicologia e Diversidade Sexual, assim como não apenas contribuições formativas, mas também pessoais e sociais. Porém, dois pontos se destacaram de forma especial também, fora os objetivos alcançados com a pesquisa, que valem a nossa atenção: i) a falta de informação ou a desinformação acerca de questões de sexualidade e gênero se mostra muito presente neste perfil de alunos de ensino superior, que talvez se não tivessem tido contato com a disciplina não teriam o interesse para a aquisição de algumas informações constitutivas do ser humano, como a sexualidade e o gênero, ii) ainda há muito que se avançar na temática e apresentação da disciplina, como a ampliação de seus textos e temas para outros campos da formação em psicologia e fixação, dentro dos currículos, da mesma como disciplina obrigatória da formação profissional.

## REFERÊNCIAS

Assunção, M. M. S. de & Silva, L. R. da. (2018) Formação em psicologia e diversidade sexual: Atravessamentos e reflexões sobre identidade de gênero e orientação



- sexual. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 3, n. 5, p. 392-410.
- Bedrikow, R. & Campos, G. W. de S. (2011) Clínica: a arte de equilibrar a doença e o sujeito. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 57, p. 610-613.
- Borrillo, D. (2009) A Homofobia. In: *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Letras Livres: EdUnB.
- Butler, J. (2015) *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. Autêntica.
- Calligaris, C. (2014) *Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*. Elsevier.
- Camini, I. (2012) *Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam*. ESTEF.
- Carvalho, A., Souza, C., & Macedo, J. P. (2020). Relações de Gênero e Étnico-Raciais nos Currículos de Psicologia: Aproximações e Desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-14.
- Ceciliano, L. A. (2015) *Conhecimento de estudantes em Enfermagem da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. 24 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília.
- Dias, C. A. (2001) Considerações sobre elaboração de currículos para formação de psicólogos: a partir de uma perspectiva didática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 21, n. 3, p. 36-49.
- Ferreira Neto, J. (2017) *Psicologia, políticas públicas e o SUS*. Escuta; FAPEMIG, 2017.
- Fisher, R. M. B. (2001) Foucault e a análise do discurso em educação. *Caderno de Pesquisa*, n.114, p.197-223.
- Foucault, M. (1996) *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Edições Loyola.
- Foucault, M. (1977) *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1079) *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Edições Graal.
- Gil, A. C. (2010) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. Editora Atlas.



- Gomes, V. F.; Sathler, C. N.; Farias, M. de F. L. (2022) Gênero, raça, sexualidade e classe nos projetos político-pedagógicos em cursos de psicologia. *Horizontes*, v. 40, n. 1, p. e022027-e022027.
- Kilomba, G. (2019) *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Orfeu negro.
- Lakatos, M. E. & Marconi, M. de A. (1992) *Metodologia do Trabalho Científico*. Revista e Ampliada. Atlas.
- Lima, A. M. (2017). Gênero, diversidade sexual e Psicologia: reflexões sobre a formação das(os) psicólogas(os). In D. Ferrão (Org.). *Psicologia, gênero e diversidade sexual: saberes em diálogo*, 16-35. Conselho Regional de Psicologia – Minas Gerais.
- Lopes, J. K. (2023) *Sexualidade, gênero e diferença: uma lacuna na formação em Psicologia*. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia.
- Louro, G. L. (2005) O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: Louro, G. L. (org). *O currículo nos limiões do contemporâneo*. 4 ed. DP&A, p. 85 – 92.
- Moleiro, C. & Pinto, N. (2009) Diversidade e psicoterapia: Expectativas e experiências de pessoas LGBT acerca das competências multiculturais de psicoterapeutas. *Ex aequo*, n. 20, p. 159-172.
- Passos, I. C. F. (2019) A análise foucaultiana do discurso e sua utilização em pesquisa etnográfica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.35, p.1-11.
- Paulo, F. dos S. (2023) Cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. *Revista Internacional de Educação Superior*, v. 9, p.1-15.
- Polizel, A. L. (202) *Histórias, violências e desalojares: A trajetória de LGBTs nos espaços de ensino*. Editorial Casa.
- Prado, M. A. M. & Machado, F. V. (2017) Preconceitos contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade. Cortês Editora - *Coleção Preconceitos*. v.5.
- Safatle, V. (2008). *Cinismo e Falência da Crítica*. Boitempo.
- Safatle, V. (2018) Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. In: Safatle, V., Silva Junior, N., & Dunker, C. (Orgs.), *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Autêntica, p.7-31



Santos, D. K. dos. (2013) As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. *Revista Epos*, v. 4, n. 1.

Silva, L. R. (2020) *Psicologia e sexualidade: Uma análise da formação acadêmica a partir dos atravessamentos da (in) visibilidade de gênero e diversidade sexual nos currículos*. Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras.

Soligo, A. (2015) A formação em Psicologia no Brasil: em busca de novos olhares. *Formación em Psicologia: reflexiones y propuestas desde América Latina*. ALFEPSI Editorial, p. 169-178.

Recebido: 12.12.2024

Aprovado: 20.12.2024

Publicado: 01.01.2025

#### AUTORES:

##### **Katrinny Cescon Elias**

Professora no Centro Universitário do Vale do Cricaré (UniVC). Especialista em Práticas Educacionais, IFES Campus São Mateus. [katrinycescon@gmail.com](mailto:katrinycescon@gmail.com).

##### **Alexandre Luiz Polizel**

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) campus São Mateus. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofias, Educações, Ciências, Culturas e Sexualidades (*Kultur*). Doutor em Ensino de Ciência e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, [alexandre.polizel@ifes.edu.br](mailto:alexandre.polizel@ifes.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-6397-306X>